

O FALSO NOME DA FLOR

Alaor Chaves

Ninguém deu atenção ao cavaleiro que cruzou a vila naquela tarde lenta, embora várias pessoas estivessem sentadas nas varandas, refrescando-se do mormaço com a brisa. Quando ele entrou na praça calçada de um pedregulho fino, o tropel do cavalo soou alto e mais agudo, com o que um ou outro se despertou do seu cochilo e ergueu preguiçosamente os olhos. O cavalo era um tordilho com andar cansado e o montava um homem comum, com aparência incapaz de despertar curiosidade, embora ele fosse um desconhecido. Na parte mais baixa da praça, um menino enchia um balde com a água de uma torneira pública, e o homem mudou a direção do seu curso para seguir rumo à torneira. Permaneceu montado até que o menino enchesse o balde, e foi este que rompeu o silêncio.

– Limpinha e muito fria essa água. Nasce no pé daquele morro e desce encanada até aqui.

Ao explicar as virtudes da água, o menino revelava ter notado que o homem era um forasteiro, o que encorajou este a dar continuidade à conversa.

- Aparecem muitas pessoas de fora nessa vila?
- Aparecem não, são poucas.
- Não apareceu recentemente uma moça chamada Margarida?
- Não, acho que não apareceu moça de nome algum.

O homem apeou, bebeu água recolhendo-a com o côncavo da mão, e depois lavou o rosto e os braços suados. O menino reparou, esperando talvez alguma continuidade da conversa, depois foi embora. O homem reparou o esforço inútil do menino em evitar que a água entornasse do balde. *Da próxima vez enche menos o balde, garoto, pesa menos e menos entorna*, aconselhou mentalmente o pobre menino. Observou as casas no contorno da praça, mais ainda algumas casas de comércio. Montou no cavalo e seguiu seu caminho.

Ninguém deu maior importância a que Hildebrando, quando ao se enviuvar e ver sua filha casada, decidiu retornar à sua terra de origem e vendeu sua chácara para um desconhecido. Talvez este tenha comprado a propriedade por informação, quem sabe complementada com fotos, pois pelo que se sabia ninguém tinha aparecido para olhar sua chácara, exceto gente da vizinhança que não quis pagar o valor pretendido. Mas o compadrio zelava pela vila e sua vizinhança, e ficou discretamente atento ao novo dono da chácara. O mesmo que, segundo o menino Ananias, tinha passado pouco tempo atrás pela vila montando um tordilho de boa aparência, e parado na torneira comunitária para beber água. Seu nome, logo se soube, era Orlando. Esgotados os parques mantimentos que tinha trazido, ele apareceu na vila para fazer umas compras, e era pessoa de bom trato. Retornava toda semana, sempre à venda do Alarico, a maior da vila, e lá passava horas tomando uma cachaça da qual tinha

gostado e conversando. Falava pouco de si mesmo, mas revelava interesse em saber coisas da vila. Alarico perguntou de onde tinha vindo e ele explicou que era de um lugar distante, cujo nome ninguém na vila ouvira falar. Segundo Alarico, Orlando era um homem reservado, mas educado e sociável, não tardaria que ele estabelecesse boas relações com a gente local. E isso de fato aconteceu, embora essas relações fossem em tanto impessoais. Orlando começou a criar porcos e a comprar milho. Aumentou o mandiocal de Hildebrando, visando a alimentar seus porcos, e também plantou uma horta, logo revelando muito gosto pela hortaliça.

O menino Ananias contou sobre a indagação de Orlando por uma moça chamada Margarida. Ninguém sabia de nenhuma mulher com esse nome, e a vila tinha notícia de tudo de importante que acontecia por ali. Orlando deveria conhecer uma Margarida que se mudara para outra vila, não aquela; certamente havia confundido os locais. Mas as pessoas ficaram atentas, a vila era povoada quase só de gente nascida ali, descendente de gente também dali, fora alguns poucos que foram assimilados após mostrar interesse em pertencer à comunidade e demonstrar merecimento para tanto. Pelo testemunho dos que estabeleceram relações com ele, Orlando era trabalhador e cordato, embora não de muitas palavras. E suas relações eram superficiais, ele muito pouco falava de si, as conversas sempre se referiam à vida do outro interlocutor. Seus legumes e verduras, dos quais Alarico era o vendedor exclusivo no varejo, eram apreciados. Alarico também matava porcos criados por Orlando, e quando a carne era posta à venda se esgotava em poucas horas. Caprichoso, esse Orlando. Sabia cultivar uma boa horta, alimentar porcos e cuidar das bananeiras que Hildebrando havia plantado.

Nos finais de semana, ele era sempre visto por tempo mais prolongado na venda do Alarico. Teria este se tornado amigo de Orlando? Ouvia dele confidências, informações sobre sua procedência? Alarico relatava a ele coisas sobre a vila? Isso era provável, pois Alarico conhecia toda a história, recente e remota, da vila, e gostava de narrar aos frequentadores da sua venda episódios que envolviam antigos moradores da região. E com certeza Alarico tentava se informar sobre Orlando, pois era seu método ouvir para contar, tudo assimilando em sua memória mental da região. E Alarico tinha a maestria de sempre narrar em um tom neutro, sem qualquer viés nem opiniões subjetivas.

Armando era dono das maiores fazendas nas cercanias da vila. Tinha herdado quase tudo do pai, o Coronel Emiliano, homem de grande fama falecido há pouco mais de quinze anos. A vila ainda lhe prestava reverências, e sua história era muito lembrada e contada, com as divergências inevitáveis e usuais. Mas quem quisesse saber o que era fato e o que era boato, bastava ouvir Alarico, que costumava contar a história do Coronel, e ainda a do seu pai e dos seus irmãos. O Coronel havia sobressaído na família, herdado parte dos bens do pai e comprado quase toda a herança dos irmãos. Era influente na política do município, ninguém se elegia prefeito se não tivesse o seu apoio. Com isso, nos anos de eleição a expectativa no município era saber quem seria o indicado do Coronel. Uma vez eleitos, os prefeitos ouviam seu padrinho sobre todas as coisas importantes. E como o Coronel era a favor de escolas, havia no município várias escolas municipais de curso primário. As pessoas da vila prezavam muito a escolinha local onde haviam estudado. O Coronel havia também trazido eletricidade para a vila, aproveitando a passagem da rede para eletrificar também suas fazendas.

Armando era um homem mais pacato. Casado, e pai de um casal de filhos, sua rotina era cuidar das suas terras e do seu gado. Seu alambique produzia uma ótima cachaça, feita de cana caiana cultivada em terra calcária. Cachaça antiga e afamada, cuja marca era Saudade da Morena, mas mais conhecida como Cachaça do Coronel. Aquela mesma cachaça que Orlando bebia na venda de Alarico. Mesmo não se envolvendo na política municipal, Armando não se descuidava da vila. Como seu pai, ele era zeloso dos costumes. Putas declaradas não eram aceitas na vila, nunca tinham sido aceitas. Na vila não havia também ladrões nem outros delinquentes, ninguém precisava se preocupar com a segurança da sua casa. Ali se cultivava uma prática consensual e comunitária com a qual se preservava a segurança e a moralidade.

A brusca notícia chegou e rapidamente pôs a vila em alvoroço: Armando tinha sido assassinado. Assassinado?, perguntou-se incontáveis vezes, e o dobro de vezes a notícia foi confirmada. Vicentino, o vaqueiro de Armando que trouxe a notícia conseguiu afinal dar mais detalhes da história à atordoada audiência. Na noite anterior, quando todos se recolheram, Hortência não apareceu, e ninguém sabia explicar a razão. Hortência, uma moça bonita de uns dezoito anos que viera trabalhar na fazenda. Viera de um norte distante, mas Armando disse que conhecia seu pai, e que ele era gente boa e correta. E que por ter se enviuvado ele iria morar em uma cidade grande, coisa que não agradava à filha, acostumada à vida roceira.

A vila chorou a morte de Armando, que era querido na região; e, acima de tudo, era filho do Coronel. Durante mais de uma semana, na vila não se falou de outra coisa. Alarico tudo observou e ouviu, mais um grande acontecimento havia enriquecido a crônica da vila. O assassino seria descoberto, não tinha dúvida, só restava aguardar, e também se conheceria o motivo.

No final de semana, Orlando não apareceu com seus legumes e verduras. Os compradores que compareceram à venda de Alarico voltaram para casa frustrados. Também na semana seguinte Orlando não compareceu. Era preciso esclarecer aquela ausência. Acompanhado de um rapaz da vila, Alarico foi à chácara de Orlando, e a encontraram abandonada. As plantas da horta murchavam sob o sol, o desesperado grunhido dos porcos chamou a atenção dos visitantes. Alarico jogou comida para eles, encheu os dois cochos de água. O cavalo não foi encontrado, e não havia fugido por causa da sede, pois havia um rego de água corrente no cercado. Alarico entrou na casinha. Havia um prato sujo e um resto de comida em duas panelas. Vasculhou um pouco, talvez encontrasse algum retrato, alguma carta, algum documento, alguma nota explicativa. Nada encontrou. Fechou a casa, examinou mais um pouco a chácara. Os porcos haviam comido, bebido e se aquietado, Alarico pensou um pouco, jogou muita mandioca no chiqueiro e abriu a porteirinha para que eles pudessem beber água do rego. *Além da mandioca que joguei pra eles, podem fuçar e comer a do mandiocal, raízes e folhas da horta*, pensou se assossegando, seguro de que os porcos não passariam fome. A vila pensaria no que mais devia ser feito sobre a chácara. Os dois montaram nos seus cavalos e tomaram o caminho de volta. O rapaz buscava conversa, especulava, fazia perguntas, Alarico dava-lhe respostas vagas, não explicativas. Mas sua cabeça fervilhava, no quebra cabeça algumas peças começavam a se encaixar. Mais uma peça se encaixou: *Margarida é o verdadeiro nome de Hortência*. Uma pergunta dançava em sua mente esperando resposta: *Orlando era seu pai ou seu marido?*

